

Quando as luzes do Bruni-Copacabana se acenderam na madrugada de quinta-feira, após a sessão especial da meia-noite de *Simon del Desierto*, de Luis Buñuel, em meio ainda às palmas com que o público homenageava uma obra-prima de 45 minutos e a interpretação perfeita de Silvia Pinal, um diabo belo e brilhante, um velho conhecido de cinemateca com pretensões a diretor, me apontou o produtor do filme e disse: "Olha lá, aquele é que pagou essa beleza de filme, como é que esse sujeito tem coragem?"

A mesma pergunta, sob outra forma, eu fiz a Gustavo Alatraste, no dia seguinte, numa conversa informal sobre cinema, no seu apartamento no Copacabana Palace:

— Por que eu produzo os filmes de Buñuel? Porque ele é um gênio, mas eu não produzi todos os últimos filmes de Buñuel, embora só tenha financiado filmes de sua autoria. De minha produção são *Simon del Desierto*, *O Anjo Exterminador* e *Viridiana*. Somente o último se pagou, *Simon* deve dar prejuízo e *O Anjo Exterminador* vai caminhando.

A distribuição dos filmes de Buñuel, excetuando-se no México e às vezes na França, é deficiente. No Brasil, por exemplo, foram exibidos comercialmente poucos filmes seus, entre eles *A Adolescente*, *Robinson Crusoe*, *Nazarin* (no Cine Bijou, em São Paulo, em versão original) e *Diário de uma Camareira*. O problema é antigo, mas os filmes mais novos do diretor, exatamente os produzidos por Alatraste, não chegaram ao Brasil. O produtor explica por quê:

— Eu, quando vou fazer um filme de Buñuel, o faço com o meu dinheiro, não com o dinheiro do Governo ou dos bancos. Produzo com o dinheiro ganho no meu trabalho diário — sou editor de *Sucesos*, a revista de estudos e ensaios mais vendida no México, de *La Familia* — e por isso, quando peço um preço por um filme, quero que me paguem à vista e não faço diferenças. Você, se pagasse dez mil dólares por *Viridiana* e o distribuidor lhe oferecesse quatro mil, você aceitaria?

— Pois é — continuou Alatraste —, eu não faço diferenças. Não se faz diferenças com Buñuel.

— Alatraste, por que você resolveu produzir cinema e dentro dele as obras de um diretor considerado difícil comercialmente?

— Eu já me interessava por cinema, quando conheci minha mulher, Silvia Pinal, e ela me disse que desejava fazer um filme com Buñuel. Eu procurei o diretor, ele já gostava dela como atriz e concordou. Agora, eu continuo a produzir filmes porque acho o cinema a melhor maneira de o homem expressar seus sentimentos e expor seus problemas e ambições.

Alatraste tira os pés de cima de uma mesa baixa colocada à sua frente, levanta-se e atende um telefonema. Volta rindo e diz que era o crítico Novais Teixeira: todos estão querendo uma nova exibição de *Simon del Desierto*.

— Não, não sou marxista — afirma o jovem produtor — sou mexicano, me entendes? Para mim, o cinema latino-americano está errado. Ao invés de educar o povo, o deseduca, o dopa, o engana. Não, Buñuel nada tem a ver com isso; esqueça-o não estou falando de cinema de arte, estou falando de educar. Os governos deviam produzir filmes, educando o povo, ajudando-o a sair de sua miséria moral, ensinando-lhe a compreender a arte e a procurar a cultura, a agir com higiene.

A política, o grande perigo dos cinemas financiados totalmente por qualquer governo, o poder do dinheiro, torcendo roteiros e condicionando o povo, a possibilidade do cinema financiado estatalmente servir a interesses particulares, ao invés de ao povo e à cultura, tudo isto não é aceito por Alatraste:

— Não, nada de política, nada de enganar o povo, o que eu quero é educar. Qualquer governo honesto deseja isso. E onde passar os filmes?, nas praças, como essa aí em frente, para 12 mil pessoas nas praças públicas. O Governo não imprime cartilhas, por que não fara filmes?

Para isso, Gustavo Alatraste confia principalmente nos jovens (ele deve ter, no máximo, 35 anos) e se entusiasma com os brasileiros:

— Sim, nisso você tem razão — diz o produtor — em quase nenhum lugar eu conseguiria uma plateia como aquela de quinta-feira, gente em pé à meia-noite, num cinema grande e cheio, para ver Buñuel. Isso você precisa dizer quando escrever: os jovens brasileiros são sérios. Têm sensibilidade, querem conhecer e têm coração. Olhe, não se surpreenda se em janeiro eu vier ao Rio fazer um filme com Gláuber Rocha.

* — Olhe — continuou Alatraste — eu estive agora mesmo falando com o barbon (é o José Sanz) e ele me disse que essa turma nova brasileira é muito boa, mesmo. É o Nelson Pereira dos Santos que começou tudo e os lidera, não? Eu quero ver *Vidas Secas* e conhecê-lo. Você até que poderia me apresentá-lo, eu nunca o vi. Agora no Festival eu assisti a dois curtas brasileiros muito bons, *Memória de Cangaco*, de Paulo Gil, e um outro sobre um nordestino que vai trabalhar em São Paulo. Este último foi exibido paralelamente ao Festival. *

Alatraste gosta da *nouvelle vague* e do *cinéma-vérité*, mas, entre os seus diretores, faz grandes distinções:

— Não me fale de Godard — responde a um elogio ao diretor de *Acosado*. — Godard só tem técnica, falta isso (e bate no peito, sobre o coração).

— Eu discordo um pouco do seu gosto pessoal — continua o produtor. — Para mim, os grandes do cinema são Buñuel, Fellini, Truffaut, e aquele diretor de *Madre Joana dos Anjos*.

— Jerzy Kawalerowicz.

— É este, você gostou do filme?

— Muito.

— Você no início da conversa — prossegue Alatraste — fez um paralelo entre as carreiras de Orson Welles, que surgiu com *Cidadão Kane*, em 1940, revolucionando o cinema e hoje ainda é capaz de fazê-lo com um novo filme, e Buñuel que, desde *L'Age D'Or* até agora ainda consegue fazer as coisas cada vez mais novas. Quem sabe um dia Welles não dirigirá a outra parte de *Simão del Desierto*?

Além de pensar em Orson Welles — "eu sei que ele é difícil, bem ao contrário de Buñuel, para se trabalhar" — Alatraste pensa na possibilidade de completar seu filme, com um rumo completamente novo, com vários outros diretores: Valerio Zurlini, Monicelli, a quem elogiou muito, Jerzy Kawalerowicz. Seu desejo é, conservando uma obra de arte intacta, partir para um tom completamente diverso do de Buñuel, "pegando com o filme dois públicos distintos".

Gustavo Alatraste diz-se interessado em vender *Viridiana* a um distribuidor brasileiro. Sobre suas relações com Buñuel afirma ser as melhores possíveis e que o diretor apenas lhe conta a história do filme, lhe diz quanto ele custará e quanto tempo demorará a ser feito. Ele fornece o dinheiro e some.

— Se eu ficasse perto dele, dizendo o que ele deveria fazer, não seria Buñuel o diretor e sim eu. E logo, eu não precisaria contratá-lo. Além do mais, Buñuel é Buñuel, ponto.